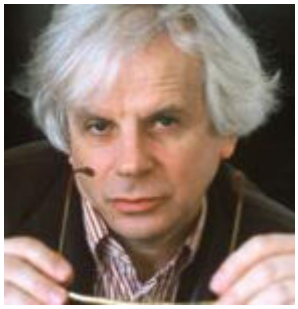
Mercier, Pascal

(1944-)



Pascal Mercier é o pseudónimo literário do professor de filosofia e de filosofia da linguagem Peter Bieri, que com o seu nome real tem publicado numerosos estudos científicos e obtido reconhecimento académico.

O seu percurso biográfico e profissional revela-se todo ele marcado por ruturas e deslocamentos: aos dezanove anos abandona a sua cidade natal, Berna, fugindo, como ele próprio explica, da «estreiteza suíça» e da «estreiteza da família». Estuda indologia, anglística, grego e filosofia em Londres e em Heidelberga; seguem-se anos de investigação em Berkeley e Harvard, e depois a lecionação em diferentes universidades alemãs, até se instalar em Berlim como professor da «Freie Universität» (Universidade Livre), lugar do qual se reforma prematuramente em 2007, desencantado com a vida académica.

Verdadeiramente apaixonado pelas línguas, Bieri aprendeu, ainda na escola de Bielefeld, latim, grego, francês, inglês, hebraico e sânscrito. Mais tarde chegaria a vez do italiano, do espanhol e até do português. Foi o estudo de indologia e a descoberta da profundidade do pensamento indiano que o levaram a orientar o seu estudo para a filosofia, mas é na filosofia da linguagem que encontra um dos temas privilegiados da sua investigação e lecionação. “Não conheço nada mais bonito no mundo do que uma boa frase”, diz Bieri/Mercier, e a linguagem e o pensamento filosófico serão temas prediletos dos romances que começa a escrever aos quarenta e cinco anos.

Eventualmente preocupado com a reação da comunidade universitária a esta ruptura com o discurso académico e a substituição deste pela ficção, Peter Bieri esconde a sua identidade atrás de um pseudónimo literário. Apenas em 1998, aquando da publicação de *Der Klavierstimmer* (*O Afinador de Pianos*) que se seguiu ao seu romance de estreia *Perlmanns*

Schweigen (*O Silêncio de Perlmann*) (1995) é tornado público o verdadeiro nome do autor.

A relação de Mercier com Portugal surge no seu terceiro romance, dado à estampa em 2004, o qual se vem a revelar um enorme sucesso; "Nachtzug nach Lissabon" irá ocupar os «tops» de vendas alemães durante cento e quarenta semanas. Actualmente traduzido em mais de vinte e cinco idiomas e com mais de dois milhões de exemplares vendidos, o romance é publicado em versão portuguesa, de autoria de João Bouza da Costa, pela Dom Quixote, em 2007, com o título *Comboio nocturno para Lisboa*. Mercier escrevera o romance em Lloret del Mar, na Costa Brava, e durante o período de escrita deslocou-se quatro vezes a Lisboa, onde permaneceu sempre cerca de uma semana, a observar e a fotografar a cidade que conhecia já de viagens turísticas anteriores.

A fábula desenrola-se em três planos diegéticos que se entrecruzam e interligam, num imbricado jogo de espelhos. O romance abre com a súbita e inusitada perceção por parte de Raimund Gregorius, um pacato professor de línguas clássicas num liceu de Berna, cinquentão calado e solitário, de que chegou o momento de quebrar com a sua rotina quotidiana e partir. Elementos desencadeadores desta decisão são o encontro com uma rapariga que Raimund salva de uma aparente tentativa de suicídio e que lhe diz ser a sua língua mãe o português, bem como a leitura de algumas linhas de um volume de pensamentos do escritor português Amadeu Inácio de Almeida Prado e ainda os seus alunos, cuja juventude lhe torna clara a limitação do seu próprio futuro. No dia seguinte, parte no comboio nocturno para Lisboa, onde irá perseguir as pistas que lhe permitirão reconstituir a vida do médico, escritor e resistente antifascista Almeida Prado, morto há mais de trinta anos, que se torna protagonista da segunda linha diegética. Ao mesmo tempo, Raimund familiariza-se com a língua portuguesa, o que lhe vai permitir decifrar os escritos de Almeida Prado, cuja parcial transcrição no romance constitui uma verdadeira "obra na obra". O contacto com os textos do autor português e a recolha dos seus dados biográficos são simultaneamente uma expedição ao Portugal salazarista e à Lisboa do nosso tempo e ainda uma incursão nos cantos mais recônditos do espírito do poeta português e do viajante suíço.

Mercier, Pascal

No que respeita à deslocação, ela plasma-se não só nas relações entre espaços geográficos e culturais. Inscrita desde logo no título profundamente polissémico, a deslocação e o movimento revelam-se elementos estruturantes também ao nível das figuras, dos acontecimentos históricos e, ainda, ao nível do literário e do estético.

Entre Berna e Lisboa, passando por Paris e Salamanca, entre Isfahan (Pérsia) e Finisterra, entre a contemporaneidade e os anos 40 e 50, entre o regime salazarista e o terror nazi, entre um professor suíço em fuga da rotina do seu país natal e um médico lisboeta, resistente antifascista, morto no início dos anos 70 e os seus respetivos mundos, entre a língua alemã e a portuguesa, entre a prosa ficcional e o registo diarístico, epistolar ou documental, entre ficção e realidade, entre a posmodernidade e a modernidade, entre Pessoa, Tabucchi, Saramago, Noteboom e Mercier, as relações são de contaminação e de especularidade, ora de distorção ora de inversão, e de mútua iluminação. O romance "português" de Mercier revela-se, de facto, um bom exemplo de texto que Ottmar Ette apelidou "literatura em movimento".

Passagens

Berna, Londres, Heidelberga, Berkeley, Harvard, Marburgo, Berlim (durante um ano é Professor convidado em Barcelona; nos anos 90, fez diversas viagens de lazer e investigação a Portugal).

Citações

O livreiro que entretanto se aproximara, lançou um olhar ao livro e leu o título em voz alta. Gregorius ouviu apenas um caudal de sons sibilantes; as vogais engolidas e quase inaudíveis pareciam constituir somente um pretexto para articular uma e outra vez o ritmo sussurrante do che.

– Sabe falar português?

Gregorius sacudiu a cabeça.

– Um Ourives das Palavras. Não acha um título bonito?
– Tranquilo e elegante. Como prata baça. Pode repeti-lo novamente em português?

O livreiro repetiu as palavras. Para além das palavras em si, podia notar-se o prazer que ele sentia em pronunciar os seus sons aveludados. Gregorius abriu o livro e folheou-o até o texto começar. Depois entregou-o ao outro, que lhe lançou um olhar surpreso e afectuoso, antes de começar a ler. Gregorius fechou os olhos enquanto escutava. Depois de ler algumas frases o livreiro parou.

– Quer que traduza?

Gregorius disse que sim com um movimento de cabeça. E então escutou o fluir de frases que provocaram nele um efeito anestesiante, pois pareciam ter sido escritas propositadamente para si; e não só para ele, mas sim para ele naquela precisa manhã em que tudo havia mudado.

De mil experiências que fazemos apenas conseguimos transpor uma para a linguagem, e mesmo essa de uma forma fortuita e sem o apuro que merecia. Entre todas as experiências mudas, permanecem invariavelmente ocultas aquelas que, imperterivelmente, transmitem à nossa vida a sua forma, o seu colorido e a sua melodia. (2007: pp. 27-28)

Bibliografia Ativa Selecionada

MERCIER, Pascal (2007), *Comboio Nocturno para Lisboa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Bibliografia Crítica Selecionada

OLIVEIRA, Teresa Martins de (2009), «Espaço e movimento em O Comboio Nocturno para Lisboa», in *Miscelânia em Honra de Maria Manuela Delille*, Coimbra (no prelo).
SILVA, José Mário (2008), "O Ouro das Palavras", *Expresso*, Suplemento "Actual", 8 de Abril.
—- (2008), "Lisbon Story", *Expresso*, Suplemento "Actual", 8 de Abril.

Teresa Martins de Oliveira (2011/11/14)